

# A última oportunidade

**BASTANTE** atrasada e notoriamente contrafeita chegou a autocrítica do PMDB, que nas eleições gerais de 1986 colheira uma vitória desproporcional a seu projeto partidário. É assim que ouvimos agora o Senador José Richa a declarar que o partido "não reciclou o seu programa e o seu comportamento"; ou, mais direto, o Deputado Ulysses Guimarães: "o País precisa saber qual é o projeto do PMDB".

**DURANTE** bem mais de um ano, portanto, o PMDB queudou-se em ambigüidade. E se fora apenas pelo lapso de tempo, seriam menores as restrições éticas a se opor a esse comportamento. O problema maior é que o PMDB então esteve, como ainda está, no poder e maciçamente: em nível federal, estadual e municipal. E deve à Nação uma escusa bem plausível por uma atitude que, na oposição, consideraria inominável: credenciar-se ao poder, sem ter um projeto de exercício do poder.

**NÃO HÁ** mais disfarce possível: a crise nacional é toda ela solidária dessa crise interna do PMDB; ela é sobretudo a síndrome da descrença, gerada no povo por uma inédita maioria partidária que se permitiu ignorar o vetor de forças que a levava ao poder; acabando por se dispersar, tal como se vê na

Constituinte, entre um estatismo de nítido pendor autoritário, um populismo travestido de distributivismo e um jamais confessado, mas sempre transparente, oportunismo.

**ENQUANTO** na oposição, o PMDB se manteve em relativa coerência. Graças ao liberalismo, ideologia típica de resistência a todos os abusos de poder e incentivo de progresso social genuíno, que não seja nem paternalismo clientelista, nem enfeudamento da sociedade por um Estado onipotente. Esse liberalismo, o PMDB não soube vivê-lo no poder, protelando, no País, a revolução que está na raiz das demais — a conquista da liberdade pela sociedade.

**NO PODER**, o PMDB tratou o liberalismo quase como mal a purgar; e se instalou sobre o mais radical intervencionismo, o chamado choque heterodoxo de 1986, sobre cuja sobrevivência artificial construiria a vitória eleitoral do mesmo ano. Além disso, conduziu-nos ao beco sem saída da moratória da dívida externa. Para depois fugir à hora da verdade pela porta dos fundos da oposição: criando um bode expiatório, ao invés de se redimir de erros e conivências.

**AS DEFINIÇÕES** que desde então passou a exigir do Exe-

cutivo, cuido o PMDB de fazê-las, antes de exigí-las de outrem. O Senador José Richa quer "um instrumento para viabilizar mudanças" e, por conseguinte, uma ordem econômica adequada às transformações sociais? Bem haja, afinal, o Senador com seu propósito, depois das oportunidades perdidas: é o que todos queremos, e com justificada impaciência.

**COM** impaciência, porque já antevemos outro risco e um alibi para a ordem que não recuperará da crise: o alibi messiânico das eleições para presidente da República este ano, que o Senador José Richa gelida, incompreensivelmente, e "saída institucional". De quando é institucional a opção por uma pessoa, com a eleição direta do Presidente da República?

**O PMDB** tem uma oportunidade de definir-se, não como ideário anódino, mas como proposta concreta e viável, que talvez seja a última: a convenção nacional de junho. Seria uma pena que a perdesse, emaranhando-se em casuísmos de autoconservação e insistindo na fecla da retórica eleitoral. Pena pela ilusão quanto a seu futuro como partido; e pena sobretudo pela infidelidade a seu passado. Só a definição o salvará da desintegração.